

A ARTETERAPIA COMO POSSIBILIDADE DE REENCONTRO DE SI NA RELAÇÃO COM OUTROS

ART THERAPY AS A POSSIBILITY OF RE-ENCOUNTER ONESELF IN RELATIONSHIP WITH OTHERS

Maria de Lourdes O. Reis da Silva¹
Patricia Atahides²
Louisa Huber³
Handria Inandy da Silva Souza⁴

RESUMO

Este texto, inspirado no trabalho de Carl Gustav Jung, traz recortes teóricos que visam elucidar o processo de reintegração da pessoa como ser que busca um encontro consigo e com outros. Procura salientar o valor da arte na intervenção Arteterapeuta e sua importância para o equilíbrio emocional do indivíduo em situação de sofrimento. O estudo foi realizado a partir de levantamento bibliográfico e reflexões conceituais, compartilhadas pelas autoras do trabalho e discutidas através de tópicos considerados pertinentes à estruturação argumentativa do texto. Foram abordados aspectos relacionados com a percepção de si e suas representações no processo imaginativo, que emerge de conteúdos vivenciais. Apresenta fragmentos históricos sobre o surgimento da Arteterapia, considera a importância da experiência artística como um processo terapêutico que oferece à pessoa em atendimento espaço para expressar-se, interagir com suas produções, familiarizar-se com o seu processo e caminhar em busca de seu auto equilíbrio.

Palavras-chave: Arteterapia. Intervenção Arteterapeuta. Processo Criativo.

¹Doutorado e Mestrado em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Especialização em Psicopedagogia. Graduação em Pedagogia e em Gestão de Recursos Humanos. Estudante do curso de Arteterapia – Instituto Junguiano da Bahia. Estudante do Curso de Psicologia - Centro Universitário Estácio da Bahia. Profa. do Centro Universitário Estácio da Bahia. lourdesreis@gmail.com - lreisosilva@gmail.com

² Estudante do curso de Arteterapia – Instituto Junguiano da Bahia.

³ Mestrado em andamento em Saúde Coletiva. Especialização em Análise de Práticas Sociais. Especialização em Curso de Medicina Tropical. Graduação em Enfermagem. Estudante do curso de Arteterapia – Instituto Junguiano da Bahia. Universidade Federal da Bahia, Instituto de Saúde Coletiva.

⁴ Mestrado em Criminologia Crítica, Prevenção e Segurança Social. Especialização em Gestão e educação ambiental. Especialização em Didática e metodologia do ensino superior. Graduação em Aspirante a Oficial. Graduação em Licenciatura em Química Aplicada. Estudante do curso de Arteterapia – Instituto Junguiano da Bahia. Profa. da Universidade Estadual da Bahia (Uneb).

ABSTRACT

This paper, inspired by the work of Carl Gustav Jung, brings a piece of theoretic overview that search for relevant elucidations about the reintegration process of the person as someone who looks for an encounter with himself and with the others. This paper aims to reinforce the value of art in the Therapeutic Art intervention and its importance for the emotional balance of someone who is suffering. The study was done from bibliographic review and conceptual reflections shared by the authors of this paper and debated through points considered relevant to the argumentative structure of the text. Points of view about self- perception and its consequences over the imaginative process, wich emerge from empiric experiences, were presented. This paper also exposes historical fragments about Art Therapy's emergence, considers the importance of artistic experience as a therapeutic process wich offers the person who is being attended: space to express himself, interact with his productions, get familiar with the process and move forward in search of his own emotional balance.

Key words: Art Therapy. Therapeutic Art Intervention. Creative Process.

INTRODUÇÃO

A Arteterapia está cada vez mais conquistando espaço no atendimento a pessoas em processos de dor, sofrimento psicológico e desequilíbrio emocional. Para tanto, tem-se inserido em diferente espaços terapêuticos como: a clínica, espaços educativos para pessoas de todas as idades em situação de dificuldades de integração pessoal e social e como facilitadora de aprendizagens. A arteterapia, ao educar para conviver de forma coerente e saudável, abrange diferentes etapas da vida humana e algumas questões mais gerais das necessidades das pessoas são trabalhadas em todas as faixas de idade, com diferenciações na abordagem, nas intervenções e nas atividades artísticas.

Na arteterapia com crianças é muito importante que se busque resgatar o potencial criativo de um Ser que muitas vezes se vê tolhido por normas de conduta familiar, social e escolar, que não lhe permite expressar o seu potencial criativo. Contribui para o desenvolvimento da atenção, da criatividade, do equilíbrio integral.

Eleva a autoestima, muitas vezes desvalorizada pelos ambientes que se dizem socializadores, possibilita a recuperação da alegria de viver e da confiança da pessoa em si mesma.

No atendimento a adultos e idosos é de grande importância para liberar a criatividade de alguém que por vezes nunca acreditou em suas potencialidades, acostumando-se a encarar a criação artística como atributo daqueles que produzem obras de valor estético e que obedecem a padrões de momentos histórico-culturais. A liberdade com que se devem expressar as pessoas participantes de intervenções terapêuticas na Arteterapia relaciona-se com a produção artística em prol da atenção à saúde integral, da expressão de sentimentos e da compreensão e busca de si. Liberdade para abster-se de imposições, para ser o "si mesmo" diferenciado de Outros e adquirir segurança para fazer escolhas compatíveis com o equilíbrio emocional de um Ser que em si, na relação com outros se encontrou. "Numa interpretação espiritualista, [...], afirmar-se-ia que o si-mesmo nada mais é do que o espírito, o qual anima a alma e o corpo, irrompendo no tempo e no espaço através desse ponto criativo." (JUNG, 2012, p. 237).

O SURGIMENTO DA ARTETERAPIA

Desde a antiguidade pessoas e povos visualizam e comunicam sua vida cotidiana, suas subjetividades e seus sentimentos e emoções no mundo, através de expressões artísticas como desenhos, pinturas, esculturas, teatro, danças, (circulares).

No final do século XIX surgem as primeiras tentativas de relacionar psiquiatria com arte, a partir da interpretação de produções artísticas de doentes mentais e do estudo de desenhos para analisar aspectos da personalidade. Enquanto Freud considerava a arte como uma sublimação de impulsos sexuais e agressivos, Jung via a arte como estruturante do pensamento e a criatividade como uma função psíquica. Jung passa a utilizar a arte no tratamento de seus clientes e a interpretar as produções artísticas de culturas e civilizações, criando o conceito de arquétipo, fonte de alimentação do psiquismo humano. A Gestalt considera a Arte no processo terapêutico como mensagens do cliente para si mesmo, com as quais ele dialoga e passa a conhecer aspectos de si antes desconhecidos. (KIYAN et al, 2006, p. 40-44).

A Arteterapia surge nos Estados Unidos como recurso terapêutico em 1941, sistematizada por Margareth Naumberg, que deu ênfase à “Arte em Terapia” como processo psicoterapêutico. Seu trabalho, conhecido com Arteterapia de Orientação Dinâmica, foi inspirado na Psicanálise, objetivando uma projeção de conflitos inconscientes. Ela reconheceu que toda pessoa pode projetar seus conflitos usando a arte, independentemente de ter passado por um treinamento. Valendo-se da livre associação, dispositivo utilizado por Freud, e na relação transferencial, o sujeito é incentivado a interpretar por si mesmo o significado de suas produções, superando as dificuldades da expressão verbal. (REIS, 2014).

Já Edith Kramer ressaltou o processo artístico: “Arte como Terapia”, não utilizou a interpretação e deu ênfase ao valor terapêutico do processo criativo, considerando a arte em si mesma como sublimação; que contribui para o fortalecimento do ego e possibilita a expressão de conflitos, desejos, sentimentos, inaceitáveis pelo ambiente social que, quando recalçados, retornam como sintomas. Ela viu a arte como um recurso valioso para o desenvolvimento de uma organização psíquica que pode funcionar sob pressão sem o risco de fragmentar-se ou de recorrer a mecanismos de defesa nefastos. (REIS, 2014). Essas duas vertentes, a “Arte como terapia” (Krammer) e “Arte em Terapia” (Naumberg), existem até hoje.

Na década de 1940, o pintor inglês Adrian Hill, por ocasião de seu internamento em um hospital durante a segunda guerra mundial, para tratar-se de uma tuberculose, encontrava consolo para seu sofrimento na pintura. Percebendo o quanto a criação artística pode ajudar na recuperação de doentes, ele criou no hospital um atelier e recebia soldados feridos na guerra. Hill compreendeu o quanto a arte contribuiu para que esses soldados se libertassem dos traumas da guerra e foi considerado, na literatura britânica, como o primeiro arteterapeuta a trabalhar num hospital psiquiátrico. Em 1969 surge a profissão do Arteterapeuta nos Estados Unidos. Reconhecidas como pioneiras do uso da Arte na prática terapêutica, Naumberg e Krammer fundam a American Art Therapy Association (AATA) nos Estados Unidos. (MARTINS, 2012, p. 47).

Paul-Max Simon classifica as patologias a partir das produções artísticas dos doentes mentais. Considerado o “pai da arte e da psiquiatria”, direcionou seus estudos para o diagnóstico dos desenhos de seus pacientes, entre os anos de 1876 e 1888. Os psiquiatras da clínica de Heidelberg, Prinzhorn e Wilmanns, interessaram-se pelo que os pacientes falavam de suas produções artísticas.

Prinzhorn, psiquiatra alemão era artista e historiador de arte, o que contribuiu para seu interesse pela arte dos pacientes, chegando a reunir 5000 produções artísticas de internos de hospitais na Áustria, Suíça, Itália e África. (BILBAO; CURY, 2006, p. 93). Prinzhorn publicou no ano 1922 o livro “Expressões da loucura”, discutindo os processos de criação artística e analisando os mecanismos de elaboração que se evidenciavam nas produções dos pacientes psiquiátricos. A partir da fenomenologia, da Gestalt e da teoria estética da empatia ele tenta explicar como o impulso criador se desenvolve. (THOMAZONI; FONSECA, 2011)

Francoise Dolto trabalhou com crianças privilegiando na sua análise principalmente os desenhos espontâneos e as modelagens, considerando que era mais importante analisar as projeções espontâneas. Dolto não oferecia brinquedos à criança, uma vez que ela projetaria qualquer coisa naquele objeto e seria mais importante que a criança projetasse na sua própria produção. (SOLER; BERNARDINO, 2012).

Rudolf Steiner, Montessori e outros incentivam a expressão artística em crianças como recurso pedagógico. Isadora Duncan e Pina Bausch encontram e desenvolvem na dança expressões artísticas da subjetividade.

No Brasil, em 1982 Ângela Philippin, organiza o primeiro curso de abordagem jungiana no Rio de Janeiro e abre a Clínica Pomar. Mas foi em Goiânia, em 1993, que se realizou a primeira especialização em Arteterapia. A primeira associação de Arteterapeutas do Brasil surge em 1999, no Rio de Janeiro. (ALVES, 2013, p 15). No Brasil mencionamos ainda como referências do desenvolvimento, os nomes de Ulysses Pernambucano no Pernambuco, dos psiquiatras Osório César em São Paulo e Nise da Silveira no Rio de Janeiro. Os dois últimos foram os pioneiros em levar a arteterapia à área da saúde mental.

Tem sido muito difundido e estudado no Brasil o Jogo de Areia, método psicoterapêutico idealizado por Dora Maria Kalff, entre 1954 e 1956, inspirando-se no trabalho de Margaret Lowenfeld, pediatra inglesa. Consiste na utilização de duas caixas com areia e uma coleção de miniaturas que representem animais, pessoas, moradias, meios de transportes, figuras religiosas e mitológicas, vegetações e outros inúmeros objetos relacionados com a vivência humana. (FRANCO; PINTO, 2003, p. 92).

Figura 01 – Caixa de areia



Fonte: Texto de Franco e Pinto

O psicoterapeuta não deverá intervir na produção do cliente. Fará uma observação e análise cuidadosa dos conteúdos e do simbolismo que surgem nos cenários, de suas reações contratransferenciais, investigando possíveis sentidos de conteúdos inconscientes, com o objetivo de estruturar ou ampliar a consciência do seu cliente. Para Kalfé o Jogo de Areia não significa somente um método de terapia, é um meio ativo em que os conteúdos da imaginação se tornam reais e visíveis. (Ibid. p. 96).

Figura 02 – Coleção de miniaturas



Fonte: Texto de Franco e Pinto

As atividades em Arteterapia não seguem qualquer padrão relacionado com beleza ou perfeição. São livres de direcionamentos ou técnicas idealizadas. Significados emocionais, sentimentais e traumáticos emergem da produção artística e abrem espaço para uma nova compreensão sobre a vida, o mundo ao qual o sujeito pertence e as pessoas com as quais se relaciona. Os materiais utilizados são os mais diversificados: tintas, gravuras, lápis e canetas de diferentes tipos e cores, sucatas, tecidos, coisas da natureza, argila, diferentes tipos de massas de modelar etc. Enfim, cabe à criatividade do terapeuta colecionar uma infinidade de coisas que se transformam em arte nas mãos do seu cliente. Coisas consideradas insignificantes se convertem em materiais simbólicos na imaginação, em inspirações que marcam momentos de crescimento individual e grupal. Desenhar, construir cenários, criar narrativas, pintar sentimentos e visões de si, fazem parte do processo de encontro na Arteterapia.

“O QUE TENHO DENTRO DE MIM E NÃO VEJO” – ARTETERAPIA NA TERCEIRA IDADE

Marisa tem um monte de coisas dentro de si que ela não vê. Juliana também. E Carolina. Mas o que elas têm dentro de si que elas não vêem? Juliana responde: Tenho amor. O amor a gente não vê. Só sente. Carolina concorda. Amor, alegria, esperança estão dentro da gente. Isso se chama SENTIMENTO. Marisa pensou em algo diferente. “Eu tenho todos os pássaros, todas as flores, todas as nuvens e primaveras que já vi algum dia. Eu os tenho dentro de mim. Isso se chama MEMÓRIA”. Juliana e Carolina sorriem! Como não haviam pensando nisso? Todos os dias ensolarados estão em suas memórias. As viagens, o dia em que Juliana machucou o joelho, os lanches na casa da avó...Que bacana! Elas os têm dentro de si. Mas que coisa interessante é a nossa cachola, diz Carolina. (Arteterapia em Poesia)

As personagens deste momento imaginativo elaboram uma representação de si a partir de suas memórias e de suas percepções sobre seus sentimentos, suas emoções, ainda que fantasiadas pelo poder criativo da arte poética. Há muitas

coisas para serem reveladas, que movimentam arquétipos⁵, lembranças gratificantes e também momentos angustiantes nesta busca empreendida pelo Ser humano. Desde tempos imemoriais a humanidade expressa seus sentimentos, seus medos, seus desejos, a partir da expressão artística. A experiência do artista explorada na Arteterapia, brota de cada Ser de modo “irreal”, sonhador e por vezes “abstrato”, trazendo conteúdos significantes de seu psiquismo. O dizer de si, sobre si e das relações com o mundo perpassa por dispositivos de elaboração imaginativa e interpretativa que a Arte propicia. Esta experiência, portanto, não é privilégio de artistas no sentido lato do termo, mas de qualquer Ser humano que presentifica sua vida na Arte.

ARTETERAPIA COMO TERAPIA INTEGRATIVA E COMPLEMENTAR NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE

A Arteterapia se encaixa nos princípios das terapias integrativas e complementares que desde 2006 no Brasil contempla a Política Nacional – (PICs-MS). Dentro dos princípios das terapias integrativas e complementares destacamos os seguintes: o foco é na saúde e na pessoa doente e não na doença; a pessoa é abordada na sua integralidade ou seja: corpo, mente e espírito; o terapeuta e o resgate da relação paciente-terapeuta. Em alguns municípios, a exemplo de Brasília (DF), a Arteterapia já integra o complexo das terapias oferecidas no Sistema Único de Saúde (SUS).

Diferentes olhares têm orientado o movimento da reforma Psiquiátrica a partir de um atendimento “inter-transdisciplinar”, considerando as contribuições da Arteterapia e redirecionando as práticas em saúde mental. As portarias nº 189/91, 224/92 e 369/01, instituíram mudanças no financiamento de recursos financeiros para a utilização de terapias alternativas. “A arteterapia é uma das possibilidades das oficinas terapêuticas”, cujo papel fundamental é a “reintegração da pessoa como parte da sociedade” (VALLADARES, 2008, p. 5). A autora considera que neste processo não se deverá perder de vista a integridade da pessoa. O que deve ser

⁵ Jung define os arquétipos como estruturas do inconsciente coletivo da espécie humana e só podem ser reconhecidos pelos efeitos que produzem. São fatores e motivos que ordenam os elementos psíquicos.

valorizado é o seu desenvolvimento interior, trabalhar com suas emoções, numa posição de escuta e de ajuda.

ARTE COMO REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA DO MUNDO HUMANO

A afirmação de uma identidade como Ser no mundo perpassa por diferentes experiências de pertencimento a determinados grupos sociais, de construção e de apropriação de crenças, valores e atitudes que se estabelecem ao longo da vida. A liberdade de expressão tão desejada, muitas vezes assusta a pessoa principalmente quando se trata do dizer sobre si, do mostrar-se a outros e para outros. A tradição em que cada um de nós se move – no contexto familiar, social e profissional, impõe regras e normas de convivência e de sucesso limitantes da expressão de si. O que somos como mostrações de si distancia-se daquilo que se é verdadeiramente, pela imposição de padrões de comportamento considerados adequados a partir de determinado contexto sociocultural.

A nossa existência no mundo depende das relações com o outro, dos sentidos que se imprime a esta relação. E a saúde mental, aspiração inicial de todos os seres humanos, depende de um sentimento de alteridade capaz de propiciar expressões de confiança e de superar o medo de mostrar-se, de desnudar-se e abrir as cortinas do mundo interior. O Ser lança-se em busca de si a partir da arte, expressão comum a todos os seres e linguagem universal que possibilita confissões de si e preservação da subjetividade.

Jaffé (2008, p. 321) argumenta que para o homem é vital “integrar em sua vida o conteúdo psíquico do símbolo, isto é, o instinto” e a presença do animal na expressão artística simboliza o instinto, o “ser animal”, que “pode tornar-se perigoso se não for reconhecido e integrado na vida do indivíduo” (Ibid. 321). Sobre outras expressões artísticas a autora considera:

Os artistas, como os alquimistas, provavelmente não se deram conta do fato psicológico de que estavam projetando parte da sua psique sobre a matéria ou sobre objetos inanimados. Daí a ‘misteriosa animação’ que se apossa dessas coisas e o grande valor que se atribui até mesmo ao lixo. (Ibid. p. 342).

Dessa forma, o Ser projeta-se de si para consigo e para outros, a partir da arte como símbolo de seu existir, ainda que de modo inconsciente. Jung fala sobre a

forma como conteúdos conscientes podem desvanecer-se no inconsciente e como outros que nunca estiveram na consciência podem “emergir”. “[...] o fato é que, além de memórias de um passado consciente longínquo, também pensamentos inteiramente novos e idéias [*sic*] criadoras podem surgir do inconsciente – idéias [*sic*] e pensamentos que nunca foram conscientes”. (JUNG, 2008, p. 41). Assim como do inconsciente de cientistas emergem ideias brilhantes que são definidas como expressões de uma genialidade intelectual e inovadora, do inconsciente do artista e de pessoas comuns, emergem ideias, desejos, sonhos e conteúdos arquetípicos que se revelam pela expressão artística e que poderão ser desvelados a partir da análise na Arteterapia.

A REINVENÇÃO DE SI PELA ARTE

A busca de compreensão de si para consigo e para com os outros é proporcionada e revelada pela Arteterapia como processo terapêutico em que se utiliza de formas artísticas, como desenhos, sons, dança e textos. A Arteterapia estabelece conexões entre a arte e o si-mesmo, de forma criativa; e a personalidade do indivíduo pode se expressar a partir de imagens ou de símbolos que emergem de sentimentos intensos e profundos. Podendo ainda criar possibilidades para uma imersão no conteúdo de sonhos, “uma porta estreita, dissimulada naquilo que a alma tem de mais obscuro e íntimo; essa porta se abre para a noite cósmica original, que continha a alma muito antes da consciência do eu [...]” (JUNG, 1963, p. 360).

Jung faz uma narrativa de sua experiência com o desenho de mandalas, que inicialmente, ele mesmo não compreendia o que elas significavam. Ao descobrir que as fantasias que emergem do inconsciente têm valor artístico, compreende o significado da mandala: “exprime o si-mesmo, a totalidade da personalidade que, se tudo está bem, é harmoniosa, mas que não permite o autoengano. [...] corresponde à natureza microscópica da alma”. (Ibid. p. 173).

O desenho e a pintura de mandalas são técnicas muito utilizadas na Arteterapia inspirada na teoria Junguiana. A arte revela, então, através de seus símbolos e de sua análise, conflitos pessoais, em que o indivíduo pode manifestar seus sentimentos de dor, de dúvidas e perplexidades, de um modo mais pessoal e menos invasivo. Jung faz a narrativa de um momento em que a sua irritação e o desacordo consigo mesmo, decorrentes de um conflito, suscitaram o desenho de

uma mandala alterada, com uma parte do círculo amputada e a simetria perturbada. (Ibid. p. 173).

É, portanto, a concepção de arte como expressão que realmente interessa àqueles que se propõe [sic] a trabalhar com as terapias expressivas. Não cabe a eles fazer considerações de ordem estética, mas apenas estudar o aspecto expressivo da produção artística. É evidente que, eventualmente, o produto de uma sessão de terapia expressiva possa ter um inegável valor estético, mas essa não é a intenção. (KIYAN et al, 2006, p. 42).

A experiência da Arteterapia propicia o desbloqueio e o fortalecimento de potenciais criativos, possibilita a partir de modos diferenciados de expressão, a reconstrução e integração da personalidade. Contribui para que o ser humano possa explorar e compreender pensamentos e emoções; desenvolver a autoestima, reduzir a ansiedade, aprimorando a qualidade de vida e da saúde (PRADO, 2013).

Vivendo num mundo escravo do tempo, onde quanto mais veloz melhor, onde se “acorrentam” as mãos presas a manipular máquinas constantemente, a Arteterapia traz a libertação destas mesmas mãos, que, agora livres, revelam o íntimo de cada um através de símbolos projetados artisticamente pelo inconsciente. Que, analisados, trazem à tona sentimentos como: medos, conflitos e angústias, auxiliando o indivíduo a buscar uma compreensão de si mesmo e para com os outros sem a utilização da palavra falada. “[...] favorece também o desenvolvimento de sementes criativas inerentes ao indivíduo e que o ajudam a crescer. Acontece que é justamente em atividades feitas com as mãos, que muitas vezes, se revela a validade dessas sementes criativas.” (SILVEIRA, 1997, p. 88). Oportunizando assim, a experiência criativa como forma de enfrentamento de questões pessoais que afligem e interferem no desenvolvimento emocional, intelectual e interpessoal.

A INTERVENÇÃO DO TERAPEUTA COMO MEDIAÇÃO ESTÉTICA

O Arteterapeuta é um facilitador no processo de transformação da pessoa. As atividades que são desenvolvidas por meio da Arteterapia não são submetidas a julgamento, pertinentes aos padrões estéticos formais (VALLADARES, 2008, apud PRADO, 2013). O terapeuta como guardião do sagrado, encontra na Arteterapia uma forma de estímulo do potencial criativo, muitas vezes adormecido nas pessoas

que lhe procuram. A Arteterapia permite o afloramento dessas emoções e memórias guardadas e “esquecidas”; e sua expressão de uma forma lúcida em outras linguagens e não somente na palavra, mas também na pintura, na expressão corporal, nas imagens etc. Recursos que permitem chegar aos processos mais profundos de sofrimentos, marcados no corpo e na alma das pessoas.

“Na arteterapia, o profissional atua como o guia do processo, ou seja, não tem o poder de mudar as pessoas, mas tem o poder de proporcionar os recursos e materiais para as intenções criativas de cada uma delas com o intuito de que as transformações possam acontecer”. (PRADO, 2013).

A Arteterapia auxilia o indivíduo no encontro de si para consigo mesmo e para com os outros, bem como suas interações com o mundo e seus comportamentos em relação a ele.

[...] cuidar de quem se encontra fragilizado e internamente desorganizado em função de uma moléstia grave não é um trabalho fácil, assim cabe ao arteterapeuta auxiliar as pessoas a lidarem com a enfermidade e a hospitalização de uma maneira construtiva, dinâmica e saudável. (Ibid. 2013).

As autoras consideram ainda:

o arteterapeuta na sua intervenção, utiliza a palavra de forma não abusiva ao longo do desenvolvimento dos processos expressivos, pois este falar compulsivamente pode dificultar o aprofundamento da psique. Somente após o término da atividade expressiva que a palavra pode ser empregada com mais produtividade, com a finalidade de expressar as vivências subjetivas com mais profundidade. (Ibid. 2013).

Apesar de que só recentemente os terapeutas inspirados nos estudos de Jung e de seus seguidores, bem como de outras abordagens psicoterápicas e educativas buscam a Arte como expressão simbólica; a Arte sempre fez parte do cotidiano do Ser humano, seja para comunicar-se entre si como nos tempos primitivos (desenhos rupestres), seja para homenagear a natureza ou narrar seus feitos, dissabores e glórias.

A arte terapêutica projeta conteúdos inconscientes, não somente conflituosos, mas também outros que a alquimia pretende alcançar, aqueles de “caráter numinoso, ‘divino’ ou ‘sagrado’ [...] este ‘tesouro difícil de ser alcançado’ e a produzi-lo de forma visível [...] quer sob a forma do ouro físico, quer como panaceia, quer

sob a forma de tintura com poder de transformação. (JUNG, 2012, p. 365). Para Jung manipular objetos e transforma-los em expressões artísticas é um processo alquímico semelhante ao da imaginação ativa, dos sonhos e da experiência da individuação⁶.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enveredar pela investigação e estudo de processos criativos e relacionados com o psiquismo humano tem sido um legado de Jung, de indiscutível importância, para uma compreensão de processos criativos autoelaborados e/ou orientados face os problemas existenciais, com foco na pessoa e nos seus modos de expressão cotidiana.

A Arteterapia reflete sobre as inúmeras possibilidades de se compor um quadro de experiências facilitadoras para as intervenções terapêuticas e propicia às pessoas momentos em que elas podem ser e apresentar-se como realmente são; aprendendo a lidar com seus medos, seus símbolos arquetípicos e suas relações cotidianas.

Sendo a vida humana sempre uma reinvenção de si e do mundo, a Arteterapia se configura como uma consolidação de diferentes formas de compreender este processo e de buscar diferentes modos de intervir em realidades subjetivas, que se consolidam na objetividade das existências observáveis e compartilhadas. O olhar e a Arte do Arteterapeuta abre caminhos para que a pessoa que vive seus conflitos de forma sofrida e angustiante, torne-se alguém capaz de reprogramar a sua existência; como um ser que se vê como si mesmo e ao mesmo tempo como outro, de si para consigo e de si para com seus interlocutores vivenciais.

Na experiência criativa muitos são os fatores que propiciam produções que potencializam aspectos positivos e negativos e colaboram para que o Arteterapeuta identifique conteúdos psíquicos que contribuem para que as pessoas construam ou tenham construído determinadas visões de si e do mundo humano. As cores, as formas e o emaranhado de expressividades que se evidenciam nos momentos de criatividade expressam, a partir de conteúdos manifestos ou em opacidade, as

⁶ Realização do si mesmo. Processo de formação e particularização do ser individual. (Jung).

representações que as pessoas elaboram de si no mundo humano. Um si que é incompleto, provisório, movente, evolutivo, potencializando histórias de vida, sentimentos, emoções que se entrelaçam nas relações com outros.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Monica Ferranti. Uma viagem arteterapêutica: buscar nas memórias adormecidas dos idosos – iluminação para a vida presente. Rio de Janeiro. 2013. **Monografia**. Disponível em: <http://www.arteterapia.org.br/pdfs/monicaferrantialves.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2017.
- BILBAO, Giuliana Gnatos Lima; CURY, Vera Engler. **O Artista e sua Arte: um estudo fenomenológico**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v16n33/12.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2017.
- FRANCO, Aicil; PINTO, Elizabeth Batista. O Mágico Jogo de Areia em pesquisa. In: **Instituto de Psicologia USP**, 2003, 14(2), 91-114.
- JAFFÉ, Aniela. O simbolismo nas artes plásticas. In: JUNG, CARL G. **O homem e seus Símbolos**. Rio de Janeiro – RJ: Editora Nova Fronteira, 2008.
- JUNG, CARL G. **O homem e seus Símbolos**. Tradução Maria Lucia Pinho. Rio de Janeiro – RJ: Editora Nova Fronteira, 2008.
- _____. **Psicologia e alquimia**. Tradução Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- _____. **Memórias, sonhos, reflexões**. Tradução Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1963.
- KIYAN, Ana Maria Mezzarana et al. **Arte como Espelho**. São Paulo: Editora Altana, 2006.
- MARTINS, Daniela de Carvalho e Souza. Arte-Terapia e as Potencialidades Simbólicas e Criativas dos Mediadores Artísticos. **Dissertação de Mestrado**. 2012. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/10008/2/ULFBA_TES665.pdf. Acesso em: 05 fev. 2017.
- PORTO, Gabriella. **Arteterapia**. Disponível em: <http://www.infoescola.com/medicina-alternativa/arteterapia/>. Acesso em: 07 nov. 2016.
- PRADO, Gabriela. **Um pouquinho sobre Arteterapia**. 2013. Disponível em: <http://artedeserpsicologa.over-blog.com/um-pouquinho-sobre-a-arteterapia>. Acesso em: 07 nov. 2016.

REIS, Alice Casanova dos. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo. In: **Psicologia: Ciência e Profissão**. prof. vol. 34 no. 1 Brasília Jan./Mar. 2014

SILVEIRA, Nise da. **Jung Vida e Obra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

SOLER, Vanessa Tramontin; BERNARDINO, Leda Mariza Fischer. A prática psicanalítica de Françoise Dolto a partir de seus casos clínicos. In: **Estilos da Clínica**. vol. 17 no. 2 São Paulo dez. 2012.

THOMAZONI, Andresa Ribeiro; FONSECA, Tania Mara Galli. Encontros possíveis entre arte, loucura e criação. **Mental**. vol.9 no.17 Barbacena dez. 2011.

VALLADARES, Ana Cláudia Afonso. **A Arteterapia Humanizando os Espaços de Saúde**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

VALLADARES A. C. A.; CARVALHO A. M. P. **Arteterapia e o desenvolvimento do comportamento no contexto da hospitalização**. Rev. Esc. Enferm. USP 2006; 40 (3): 350-5.